



Teleconferência de Resultado – 3T16
11 de novembro de 2016

OPERADORA – Bom dia a todos. Obrigada por aguardarem. Sejam bem-vindos à teleconferência do Banco do Brasil para discussão dos resultados referentes ao 3T2016. Informamos que este evento está sendo gravado e que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação do Banco do Brasil. Em seguida, iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando mais instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a teleconferência queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando *0. Este evento também está sendo transmitido simultaneamente pela internet, via webcast, podendo ser acessado no endereço www.bb.com.br/ri, onde se encontra disponível a respectiva apresentação. A seleção dos slides será controlada pelos senhores.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Conosco hoje estão os senhores José Maurício Pereira Coelho, vice-presidente de Gestão Financeira e de Relações com Investidores, e Bernardo Rothe, gerente geral de Relações com Investidores do Banco do Brasil. Por favor, Sr. Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO ROTHE – Bom dia a todos, obrigado por participarem da teleconferência de resultados do Banco do Brasil do 3T2016.

Eu gostaria de começar com a nossa apresentação no slide 3 onde temos os destaques deste trimestre, na visão acumulada 9M. O resultado antes de provisão e impostos cresceu 9,8%. A margem financeira bruta teve incremento de 15,0%. A renda de tarifas teve uma evolução de 7,0%. As despesas administrativas, ainda sob controle, com crescimento de 4,2%, abaixo da inflação do período, e o índice de eficiência, melhorando constantemente, caindo para 39,4%.

No slide seguinte, nós apresentamos a performance em relação a 9M do ano passado, onde vocês podem notar que os grandes impactos que nós tivemos nos nossos resultados, positivo vem da margem financeira bruta, com incremento de R\$ 5,7 bilhões; e negativo vindo da provisão, da PCLD, com impacto negativo de R\$ 7,3 bilhões, chegando num resultado de R\$ 7,6 em 9M e R\$ 5,4 bilhões de lucro líquido ajustado, e um lucro líquido ajustado de R\$ 7,7 bilhões, com retorno sobre PL de 10,0%, anualizado nos 9M. Temos outras visões de retorno sobre PL nesse mesmo slide. Então na visão de 3T2016 o ajustado calculado no padrão de mercado teria sido de 12,0% contra a forma como o BB calcula que daria 9,9%. A visão de mercado também no acumulado de 9M seria de 9,1%.

No slide 5, apresentamos o resultado estrutural do Banco que teve um crescimento na comparação 3T2016 com 3T2015 de 8,0% e na comparação acumulada 9M foi 9,8%.

No slide 6, alguns indicadores de mercado como o lucro por ação que foi de R\$ 0,84, o lucro ajustado por ação no trimestre. O dividend yield ficou em 4,86% já refletindo a redução do payout. O preço-lucro 12M, R\$ 6,63 e o preço/valor patrimonial em R\$ 0,74.

No slide 7, trazemos as captações comerciais do Banco do Brasil, que atingiram quase R\$ 620,0 bilhões. A gente teve um decréscimo em relação ao trimestre anterior em linha com a performance da carteira de crédito. Os

destaques aqui é a poupança, que teve apenas um pequeno decréscimo de 0,7% sobre setembro do ano passado, e uma redução de 1,6 na carteira de LCA e LCI. A carteira de crédito líquida sobre as captações comerciais representaram 89,5%, ou seja, teve até uma melhoria nesse indicador. E o custo da nossa captação em relação à SELIC nesse trimestre ficou em 77,3%.

No slide 8, nós temos as outras fontes de captação que são a gestão de recursos de terceiros feitos pela nossa subsidiária BBTVM. Continuamos líderes de mercado, com 21,5% atingindo R\$ 674,7 bilhões de recursos sob gestão. E a BrasilPrev, líder de mercado, 46,2% de participação, com captação líquida de R\$ 5,5 bilhões no 3T.

No slide 9, trazendo a carteira de crédito ampliada que teve um decréscimo de 6,9% na comparação anual e principalmente na carteira de PJ. E na carteira do exterior, com impacto aqui também do câmbio, nota-se um crescimento na carteira de PF e no agronegócio. A participação percentual dessas carteiras tem aumentado para indivíduos PF e agronegócio e reduzido para os demais componentes da carteira de crédito ampliada PJ saiu de 45,6% para 43,2%; e hoje PF mais o agronegócio já representam quase 50,0% da carteira total.

No slide 10 temos a divisão da contratação da carteira por trimestre de contratação. Como vocês podem notar, 44,8% da carteira foi contratada a partir de 2015, após o início do processo de reprecificação mais intenso que a gente teve na nossa carteira, demonstrando que ainda existe bastante espaço para precificar as operações de crédito do Banco do Brasil.

No slide 11 temos a concentração das linhas de menor risco em PF, o crédito imobiliário, consignado, CDC salário e veículos. O crédito imobiliário teve crescimento de 13,2% concentrado na carteira com PF, 17,0%; e o índice de inadimplência continua bastante adequado, a 1,42%. O crédito consignado cresceu 1,7%, concentrado o grande crescimento foi nos aposentados e pensionistas do INSS. A inadimplência está em 1,3% e a gente ainda tem liderança no mercado com 22,3% de market share. CDC salário teve um

crescimento de 4,8% e a inadimplência desse produto é de 2,42%. E a linha de veículos teve um decréscimo de 23,1%, bastante alinhado com a falta de demanda no mercado e a inadimplência continua bastante baixa em 1,06%.

No slide 12 trazemos a carteira de PJ ampliada, que teve um decréscimo de 10,8% na comparação setembro/2015. Esse decréscimo foi concentrado na carteira de MPE, as empresas com faturamento até R\$ 25 milhões, que decresceu 18,3%. O resto da carteira teve uma performance de -8,2%. O agronegócio nós tivemos um crescimento de 4,5%, o grande destaque é o crédito rural que cresceu 10,9% sobre setembro de 2015. Mantemos uma alta participação no mercado com 61,3%. Nesse período o uso de mitigadores continua bastante intenso, atingindo 79,4% do todo custeio agrícola. E o total desembolsado no Plano Safra 2016-2017, se a gente considerar o pré custeio, pré comercialização que aconteceram fortemente no 1S desse ano, totaliza R\$ 25,9 bilhões. Comparando o pré-custeio e a pré comercialização do ano passado com o período do ano passado plano Safra 2015-2016, o valor teria sido R\$ 21,2 bilhões, ou seja, tivemos um crescimento de 22,2% no novo Plano Safra.

No slide 14, nós trazemos a carteira de garantias e as provisões realizadas para essa carteira. O total R\$ 18,0 bilhões e a gente tem quase R\$ 500,0 bilhões de provisão para essa carteira de garantia.

No slide 15, começamos a tratar da inadimplência da carteira e da qualidade da carteira. Nossa inadimplência 90 dias atingiu 3,51% no trimestre, bastante impactada ainda por um caso específico do segmento de óleo e gás. Se tirarmos esse segmento de óleo e gás esse número teria sido de 3,07%, bastante adequado dado o período e a intensidade da crise econômica que nós temos passado, ainda inferior ao pico de inadimplência que o BB teve na recessão de 2008-2009, que foi uma recessão bastante curta. A inadimplência por segmento, o agro continua bastante baixo em 0,96%; PF está em 2,58%; e a carteira de PJ atingiu 5,26%. É interessante mencionar que das operações

vencidas há mais de 15 dias, 36,0% delas estão 100,0% provisionadas ou já estão com o risco H.

No slide 16, trazemos o saldo de provisão e as coberturas. Atingimos R\$ 37,5 bilhões de provisão ao final de setembro/2016, um índice de cobertura de 159,39% da inadimplência da carteira, também afetada por esse caso específico de óleo e gás. Aqui a gente fez um ajuste considerando uma, se esse caso específico já estivesse ido a perda, quanto iria esse indicador, esse ajuste demonstra que seria de 167,81%.

No slide 17 trazemos mais informações sobre as coberturas da carteira, com cobertura por segmento. A primeira linha, a cobertura da carteira externa, que teve variações ao longo do prazo, mas sempre mantendo um nível de cobertura bastante alto. O caso específico de óleo e gás está na carteira externa. Para efeito dessa cobertura calculada e mostrada aqui ela não foi considerada porque ela já está 100,0% provisionada. A carteira PJ está com 140,99% de cobertura sobre a sua inadimplência, um nível que dá para ser considerado bastante estável com flutuações ao longo de todo o período demonstrado. E não é o menor nível que a gente já teve de cobertura da carteira de PJ. O menor nível foi em setembro/2014 com 116,3%. O fluxo de provisões por segmento nós tivemos um decréscimo de 19,7% no fluxo de provisão atingindo R\$ 6,6 bilhões, principalmente com a redução no fluxo de PJ, concentrado novamente na carteira de MPE. A grande redução na carteira de MPE também gera redução no fluxo de provisões. A carteira de PF teve um pequeno incremento e também a carteira do agronegócio teve incremento no período.

No slide 18, uma outra visão de fluxo e provisão sobre carteiras, fluxo sobre provisão trimestral. Os indicadores nessa visão de fluxo e provisão sobre a carteira como pode-se notar vem crescendo sobre a carteira total desde o 2T2015, atingindo 0.92% nesse momento. Especificamente sobre a carteira PJ a gente teve um pico de provisão de 2,11% no trimestre anterior mas o volume de provisão feito para a carteira de PJ está alto, bastante mais alto

que o histórico e em linha com o que foi feito no 1T2016. O risco médio atingiu 5,59% nesse trimestre, também ajustando para o caso específico de óleo e gás, que teria sido de 5,1%⁵.

No slide 19, trazemos a formação da inadimplência. Como pode ser notado, a gente teve índice de 1,03%, bastante em linha com indicador do 1T, ou seja, mostrando certa recuperação em relação ao 2T2016, por conta principalmente do impacto desse caso específico de óleo e gás, que com ajuste teria sido de 0.98%. Fazendo a conta da carteira, a formação da inadimplência incluindo a parte da carteira renegociada, foi renegociada com período de vencimento acima de 90 dias, esse índice sairia de 1,03% para 1,09%. Esse 1,09% está alinhado com o 2T2016, ou seja, estável em relação ao 2T2016, ajustado para o caso do óleo e gás, e um pouco inferior à do 1T, mostrando uma certa estabilidade nos últimos 3 trimestres.

No slide 20, nós trazemos mais detalhes sobre a carteira renegociada. Neste período foram contratados R\$ 2,758 milhões de novas renegociações por atraso. Tivemos recebimento de principal mais juros, menos juros capitalizados, de R\$ 744,0 milhões. A INAD90 da carteira atingiu 24,8% e a qualidade da carteira está em 32,1% para riscos AA-C e 67,9% para o risco de D-H. Mostrando aqui uma melhoria de redução de concentração D-H na comparação de setembro/2015. Importante mencionar que desse total de R\$ 2,758, apenas 15,5% são operações vencidas há mais de 90 dias. Todas as demais contratações são operações vencidas antes de 90 dias ou recuperação de perdas em parcelas. O índice de formação da inadimplência da carteira renegociada atingiu 8,37% no período, inferior aos períodos passados, e a cobertura foi de R\$ 169,31. A cobertura da inadimplência da carteira renegociada.

No slide 21, já mudamos para a margem financeira bruta e o desempenho. Como pode ser notado, tivemos um crescimento de 15,0% na margem financeira bruta em 9M, atingindo R\$ 44,0 bilhões, principalmente vindo da receita financeira com operações de crédito, que teve crescimento de 10,2%,

bastante superior ao crescimento das despesas financeiras de captação, tanto a comercial como a institucional. O spread global está em 4,9%, o spread ajustado pelo risco em 2,7%, o spread por segmento a gente mostra uma melhora contínua, tanto para PF como o spread da carteira como um todo e nos demais segmentos também, atingindo 16,5% para PF, 7,9% na carteira total, 6,1% na carteira de PJ e 5,0% na carteira de agronegócio. O spread global não reflete todo esse crescimento dado o aumento da liquidez do Banco que é investido em serviços. Ou seja, apesar de ser nível de risco é um spread menor que a gente obtém na operação de crédito.

No slide 22, tratamos das tarifas. A gente teve crescimento de 7,0% no acumulado de 9M em relação aos 9M do ano passado, principalmente advindo de tarifas de conta corrente, com crescimento de 31,0%, e tarifas de administração de fundos que cresceram 10,0%. Outro destaque é a linha de consórcio que teve crescimento de 25,6%. Na linha de cartão de crédito, para dar uma visão mais correta sobre a performance desse nosso negócio, na parte de baixo desse slide nós temos o ajuste desconsiderando o efeito da Cateno sobre essa linha de tarifas. Desconsiderando esse efeito, o crescimento em 9M teria sido 6,1%.

No slide 23, passamos a tratar dos canais de atendimento do Banco. Temos 64,0 milhões de clientes com mais de 66,0 mil pontos de atendimento. O destaque é para o lançamento do BB Conta Fácil que é uma conta corrente com abertura 100,0% digital, facilmente aberta e com movimentação instantânea, não é necessário comparecimento a uma agência do Banco. E continuamos no processo de incremento da nossa segmentação de pessoas, segmento de alta renda de cliente. O objetivo é chegar em 5,0 milhões até o final do ano, estamos bem encaminhados para atingir esse objetivo. No Estilo Digital, para os clientes que percebem mais de R\$ 8,0 mil por mês, temos 1,1 milhão de clientes em 232 agências que hoje são 100,0% digitais. O Exclusivo, que é o atendimento exclusivamente digital, e o Personalizado, são clientes com rendimento de R\$ 4,0-8,0 mil por mês são 3,3 milhões de clientes e estamos atendendo os clientes exclusivos em dois escritórios

digitais e a intenção é ter 32 escritórios digitais até o final de 2016. E o nosso atendimento automatizado só cresce, o mobile já representa 40,2% de todas as transações do BB e a rede, o atendimento presencial na rede em setembro representou 2,0% apenas. E o crescimento em milhões de transações no mobile é de 49,0% em um ano.

No slide 24, temos despesas administrativas e a eficiência do Banco. Como vocês podem ver, continuamos melhorando a eficiência saindo na visão trimestral de 42,5% no 3T do ano passado para 39,7% nesse trimestre. Na visão acumulada saímos de 42,0% para 39,4%. As despesas de pessoal atingiram R\$ 5,3 bilhões e as outras despesas administrativas R\$ 3,1 bilhões. Neste trimestre nós tivemos um fator diferente que foi um pagamento de um abono salarial, que é uma vez só, que está incluído, foi considerado dentro do resultado ajustado do Banco do Brasil. Se a gente ajustasse esse, o valor do abono, as despesas de pessoal do 3T seria de R\$ 3,4 bilhões e no acumulado de 9M seria de R\$ 14,6 bilhões, um crescimento bastante inferior no total das despesas à inflação do período.

Mudando para o slide 25, aqui já falamos do capital do Banco, o índice de Basileia, que atingiu 17,59% ao final do 3T2016. E o índice de capital principal em 9,07%.

No slide 26 temos a aplicação integral das regras de Basileia III sobre o índice de Basileia do Banco. Saímos de 17,59 para 17,31, considerando o consumo de crédito tributário. O indicador de capital nível I sairíamos de 12,18% para 11,84%. O índice de capital principal teria o mesmo comportamento.

No slide 27, trazemos o guidance e o realizado e a revisão do guidance efetuada nesse trimestre. O retorno sobre o PL ajustado realizado em 9M foi de 7,6%, inferior ainda ao guidance, e nós tomamos a decisão de revisar o guidance para ficar de 8-12,0%, desculpa, 8-10,0%, inclusive com uma range menor do que praticamente utilizamos. A margem financeira bruta ficou dentro do guidance em 15,0% e mantivemos o guidance. A carteira de crédito ampliada teve performance em -3,4%, menor do que havia sido previsto no

guidance e a nossa expectativa é que fique entre -9,0% a -6,0%. A carteira PF foi de 3,6% contra um guidance de 5-8,0%, e revisamos esse guidance para crescimento de 1-4,0%. Na carteira de agronegócio tivemos um crescimento de 4,5% para um guidance de 6-9,0% e decidimos reajustar para 4-7,0%. O guidance de PCLD veio com 4,4% e nós mantivemos o guidance de 4-4,4%. Renda de tarifas veio em 7,0% e também mantivemos o guidance de 7-11,0%. Despesas administrativas veio 4,2%, abaixo do guidance que era de 5-8,0% e decidimos revisá-lo para 4-6,0% durante o ano de 2016.

Com isso encerramos a nossa apresentação e podemos abrir para perguntas e respostas. Muito obrigado.

OPERADORA – Obrigada. Iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem *1.

OPERADORA – Nossa primeira pergunta vem do Sr. Tiago Batista, do Itaú BBA.

BATISTA – Olá, bom dia a todos. Parabéns pelo resultado, veio bem forte, acima das expectativas. Eu tenho duas perguntas aqui. Uma em relação à PDD, que acho que foi o principal destaque desse trimestre. Vocês mantiveram o guidance de PDD estável nesse último tri, vocês não mexeram na margem PDD, o que na minha conta implica um não crescimento de PDD no próximo trimestre. Só queria confirmar se isso é confortável com esse nível de provisão para o próximo tri ou esse número vai trimestral, mas só uma indicativa se é isso mesmo, se a previsão vai subir muito nesse trimestre e como vocês imaginam que vai evoluir a cobertura do Banco no médio prazo?

BERNARDO ROTHE – Bom dia, Tiago, obrigado pela pergunta. Como a gente manteve o guidance a gente acredita que nós vamos atingir e ficar dentro do guidance no final do 4T. A tendência é sem dúvida nenhuma é ficar perto do topo, não é perto da parte baixa do guidance, principalmente por conta do desempenho do denominador da conta que é a carteira que tem caído. E para o ano que vem a perspectiva é que essa melhora gradual no

risco de crédito reflita ao longo do ano que vem à medida que a economia também comece a melhorar, tá bom?

BATISTA – OK, perfeito.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Rafael Frade, do Bradesco.

FRADE – Bom dia a todos. Minha pergunta é do lado do segmento corporate, vocês revisaram de forma significativa para baixo o guidance em termos de crescimento. Eu queria entender um pouco o quanto vocês vêem que é efetivamente a demanda, está vindo alguém do que vocês viam ou tem a ver ou isso tem mais a ver com vocês estarem com critérios mais rígidos na originação. Eu entendo que deve ter impacto dos dois, mas eu queria entender um pouco a magnitude de cada um desses fatores. E aí pensando para frente eu queria também aí, sem um guidance, ou sem um timing, mas imaginando se a gente vai ter uma, a tendência é que a gente tenha uma composição muito diferente apresentando mais efetivamente uma exposição maior em varejo e agro como vem nesse período, e aí reduzindo bastante a participação em corporate, falando aí em 2-3 anos, ou não, isso aí é uma coisa mais do momento onde tem menos demanda desse segmento e uma retomada eles devem crescer de forma parecida?

BERNARDO ROTHE – Bom dia, Frade, obrigado pela pergunta. O que a gente tem visto até aqui e levou a gente a fazer revisão do guidance de crescimento da carteira corporate é a demanda. A demanda é o principal impacto. Até porque do trimestre anterior para esse trimestre não teve uma grande variação nas regras para underwriting. O que a gente não fez nenhum aperto nas nossas regras para originação de crédito em nível de risco aceitável. O principal impacto é a demanda realmente. A tendência de um aumento maior no varejo e no agro em detrimento ao da carteira corporate, que já está acontecendo e deve continuar. Deve continuar porque a gente tem uma qualidade muito boa e uma demanda boa ainda na carteira orgânica e no agronegócio concentrado em crédito rural, então isso deve continuar por um

tempo. A gente acredita que quando a situação se estabilizar deve ter um aumento de demanda no PJ varejo, no MPE, que é um tipo de cliente que interessa para o Banco, sem dúvida nenhuma, e isso aí pode aumentar um pouco no futuro, mas não dá para te dar uma visão de longo prazo se isso altera a composição do nosso portfólio.

FRADE – Perfeito, Bernardo. Obrigado.

OPERADORA – Lembrando que para fazer perguntas basta digitar *1.

Nossa próxima pergunta vem do Sr. Gustavo Schroeder, do BankOfAmerica.

SCHROEDER – Bom dia pessoal, obrigado pela oportunidade. Minha primeira pergunta é relacionada a situação de margem, NII e comportamento de spread. A gente tem visto os dados do Banco referentes a isso são bem sólidos, um crescimento bem forte de NII e com, vindo de uma composição de spreads crescentes. Eu entendo que isso em parte deveria ser esperado, dado o nível mais baixo de spread que o Banco operava nos anos passados. Eu queria saber se ainda existe espaço, pensando mais para 2017, se ainda existe espaço para aumento de spread ao longo de 2017 e se a gente deve esperar essa tendência de crescimento de NII aí próximo de 2 dígitos como tem sido apresentado. E a minha segunda pergunta, agora, talvez o ponto que mais do nosso lado a gente pode questionar um pouco é referente o crescimento da linha de receitas de fee, talvez tenha sido um pouco mais abaixo do que talvez a gente esperava aqui. Vocês acham que recupera? Existe espaço para melhorar a receita de fee até o final do ano apesar de a gente considerar que nos 9M está dentro do guidance mas está no low do guidance. Eu queria entender um pouquinho, se você pudesse elaborar nessa linha de receitas de tarifas se vocês esperam uma melhora ou se a gente deve praticar mesmo o low-end do guidance? Obrigado.

BERNARDO ROTHE – Bom dia, Gustavo. Obrigado pela pergunta. Em relação à margem e reprecificação da carteira, como mostrei no slide 10, 44,8% da carteira foi contratada a partir de 2015, então a gente tem espaço pra reprecificar o spread que a gente tinha anteriormente da parte que ainda

não foi recontratada, ou renovada, ou liquidada e contratada de novo spread, então existe espaço ainda para continuar reprecificação da carteira. A gente tem o trabalho de olhar para o estoque e fazer essa reprecificação, então mesmo se o spread hoje não se alterasse a gente ainda tem ganho de spread sobre as contratações anteriores. O movimento de spread para frente tem que ser mais dependente de competição, se a competição estiver forte o spread tende a se manter. Sobre a linha de fees, de tarifas, o 2T e o 4T do ano são sempre trimestres mais fortes, existe uma certa sazonalidade. E esse trimestre agora teve alguns impactos que não existem normalmente: férias todo ano existe, Olimpíadas não tem todo ano e no Brasil pelo jeito não vai ter tão cedo de novo. E a greve que é normalmente em outubro aconteceu dessa vez em setembro. Não afeta muito as tarifas que a gente tem até por conta do modelo digital, isso diminui muito a necessidade de agência aberta, mas não tem como não dizer que existe uma redução nos produtos, onde exige esforço de venda do gerente de contas. Por mais que a gente consiga mitigar, existe algum impacto sim. Então, esse foi um trimestre que já é normalmente, sazonalmente pior do que o 2T em termos de vendas e a perspectiva é que o 4T seja mais forte que o 2T. Então, assim, a opção nossa é ficar dentro do guidance.

SCHROEDER – Está ótimo. Muito obrigado pelas respostas.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Henrique Navarro, do Santander.

NAVARRO – Bom dia a todos. Obrigado por pegar minha pergunta. A minha pergunta, primeira, é sobre a melhora que vocês tiveram de capital nesse tri. Vocês vinham mostrando uma melhora sutil, de causas naturais no core equity durante o ano, e nesse tri realmente foi muito forte, aumento aí de 65 bps. Eu queria perguntar se esse é o ritmo que a gente deve ver a partir de agora, se foi alguma coisa excepcional, se foi excepcional o que foi, dentro desse conceito que trimestre após trimestre vocês vão reforçando a Basileia. Essa é a primeira pergunta, depois eu faço a segunda.

BERNARDO ROTHE – Obrigado, Navarro. Bem, a melhora que a gente teve no indicador tem vários componentes, tem coisas negativas e coisas positivas. Positivo é o aumento do patrimônio de referência que ajudou o indicador, redução do risco de crédito, está alinhado com nossa política de alocação de ativos em linhas de menor risco, reflete também a queda da carteira, teve redução de risco de mercado por conta de gestão de risco de mercado, que a gente sempre busca ter a menor exposição possível a esse tipo de risco. Mas teve o lado negativo que o risco operacional aumentou um pouco. Não teve nada de extraordinário mas no composto isso que aconteceu. Para frente a queda na carteira vai continuar impactando positivamente no indicador. A gente entende que os nossos resultados vão continuar melhorando gradualmente, ou seja, vai ter aumentos no patrimônio de referência impactando positivamente o índice também. Em termos de qual é o impacto daqui para frente? A tendência é ser melhora gradual, atingindo os 9,5 em 2019 com espaço de crescimento para absorver as deduções que esperamos em janeiro desse ano e janeiro de 2018.

NAVARRO – OK, obrigado. Minha segunda pergunta é sobre o guidance de ROE. Antes do 3T eu tinha números que mostravam que vocês iam atingir o guidance (anterior), e depois do 3T os meus números continuam os mesmos. Ou seja, eu particularmente não consegui ver motivo para ter revisado para baixo o guidance de ROE, continuo vendo vocês atingindo o guidance até o anterior para falar a verdade. Minha pergunta é: tem alguma coisa que eu não estou vendo nesse 4T que vem pela frente e que eu deveria estar vendo ou realmente foi um excesso de conservadorismo pra vocês pra realmente ficar com a banda mais folgada pra atingir o guidance?

BERNARDO ROTHE – Navarro, o ponto é o seguinte: na nossa visão os 12,0% não era factível. Então a gente manter o 12 não dava indicação correta. Eu acho até que o BB é um dos poucos que tem guidance para o ROE no mercado. Então, só para dar indicação mais correta de qual a faixa que deve ser esperada para o nosso resultado, a gente resolveu ajustar isso tirando o que a gente tem de que só teria atingido se acontecesse alguma

coisa fora do nosso controle positivamente. 8 a 10 reflete melhor o que a gente espera.

NAVARRO – OK, perfeito. Obrigado.

OPERADORA – Lembrando que para fazer perguntas basta digitar *1.

Mais uma vez, para fazer perguntas, basta digitar *1

Nossa próxima pergunta vem do Sr. Eduardo Nishio, do Banco Plural

NISHIO – Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade. Tenho uma pergunta com relação às provisões, em calls anteriores vocês tinham mencionado que o pico das provisões teriam sido no 1T2016. Eu queria saber se vocês ainda vêem isso e olhando pra frente se realmente o pico ficou em termos de provisões no 1T. Obrigado.

BERNARDO ROTHE – realmente o pico foi no 1T a gente já tem mostrado a redução, se você olhar a performance da provisão desse trimestre ela já veio abaixo do 4T do ano passado, não vai haver uma queda tão grande daqui pra frente em relação ao que aconteceu no 2T pro 3T desse ano mas a gente vê melhora gradual na PDD ao longo do tempo, então a gente considera que realmente o pico já passou e agora é movimento de melhora gradual.

NISHIO – Perfeito. Tendo dito isso, olhando pra 2017, em tese a gente pode trabalhar com níveis de provisões menores que 2016, certo?

BERNARDO ROTHE – Eu não tenho ainda o guidance para 2017 mas eu falei que a tendencia é melhoras graduais na PDD.

NISHIO – Muito obrigado.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Lucas Lopes, do Credit Suisse.

LOPES – Bom dia pessoal. Eu queria falar um pouco sobre a carteira renegociada. A gente viu que o ritmo de contratação dessa carteira caiu drasticamente no trimestre, R\$ 2,8 bi, eu sei do fato que tem um componente

sazonal mas dá para dizer que a gente nunca mais, a gente vai ver o Banco contratar nos próximos anos, à medida que a economia melhore, não vai mais ver o Banco formando ou contratando carteira renegociada mais perto de R\$ 5-6,0 bi como já aconteceu nos últimos trimestres? E o que vocês acham que é o patamar normalizado de carteira renegociada com o percentual da carteira total do BB? Obrigado.

BERNARDO ROTHE – Obrigado Lucas. A carteira renegociada as contratações de negociação existe uma certa sazonalidade, se você olhar o que aconteceu ano passado e depois no início desse ano, tem alguns picos. Então o 2T foi um pico. Teve a redução natural agora, o 4T pode subir novamente, não seria nada fora do esperado, uma subida no 4T. Os volumes de renegociações vão seguir o comportamento da economia. À medida que a economia melhore esses fluxos vão começar a se reduzir e ao longo do tempo, o tamanho, tempo e a intensidade da recessão que a gente está vivendo ainda. Então é algo que se recupera ao longo do tempo que vem também do crescimento do portfólio como um todo então a tendência é que esse nível de participação da carteira sobre o total caia ao longo do tempo com a melhora da economia.

LOPES – obrigado, Bernardo. Só me permite um follow-up: a gente viu o NPL formation nessa carteira melhorando, os novos NPLs que vocês até passaram a abrir no disclosure de vocês. Você atribuiria isso a uma qualidade melhor da carteira renegociada ou uma taxa de sucesso maior, enfim, dessas renegociações ou essa queda é vinculada também ao ritmo menor de contratação?

BERNARDO ROTHE – Não, não está vinculada ao nível de contratação. Se você olhar a melhoria da carteira ao longo do tempo em termos de o que a gente está renegociando, a renegociação precoce, fazendo isso tem possibilitado a gente aumentar o volume de recebimentos trimestrais. Isso tudo acaba impactando na formação da inadimplência. Tem períodos de aumento, inadimplência em período de greve tende a subir, é a inadimplência

curta, ela se recupera um pouco depois. Então são fatores que são considerados e a perspectiva é se as projeções para o futuro se mantiverem quer dizer que a gente está fazendo renegociações dentro de um ambiente mais previsível, a tendência é a redução da inadimplência naturalmente. Sem dúvida nenhuma o que a gente renegociou no passado foi impactado pela piora substancial da perspectiva da economia, a realidade da economia do ano passado que era diferente do que a gente esperava até o meio do ano, então isso aí afeta as projeções de disposable income, free cashflow e por aí afora. Então, como melhora da previsibilidade você tem um ajuste melhor do fluxo de pagamento e a capacidade do cliente pagar e com isso também a inadimplência tende a se reduzir.

LOPES – Ficou claro. Parabéns pelos resultados.

OPERADORA – Nossa próxima pergunta vem do Sr. Rafael Frade, do Bradesco.

FRADE – Obrigado, é só um follow-up. Não teve nenhuma pergunta com relação à despesas. A revisão do guidance para despesas e como bem pontuaram, se a gente excluir o abono na verdade vocês já estão rodando abaixo até do guidance. Então, entender aparentemente a gente está falando mais realmente da ponta de baixo do guidance para o ano e olhando um pouco pra frente, como é que vocês vêem isso, quer dizer, vocês tiveram uma performance muito boa na despesa esse ano. Se a gente imaginar continuar crescendo abaixo da inflação pelo menos aí talvez para o próximo ano, depois é factível ou como é que vocês vêem isso evoluindo?

BERNARDO ROTHE – A busca de eficiência no Banco é uma constante e a gente já tem feito isso ao longo de bastante tempo. A gente tem crescido abaixo da inflação há mais de 2 anos. A intenção do Banco é continuar crescendo despesa abaixo da inflação e melhorando os índices de eficiência do Banco, isso é uma questão constante no nosso dia a dia, melhorar a eficiência e reduzir despesa.

LOPES – obrigado, Bernardo.

BERNARDO ROTHE – E sobre o guidance, a gente reduziu a intenção é ficar dentro do guidance por isso que a gente reduziu. A gente acredita que entrega o guidance.

LOPES – Está ótimo. Obrigado.

OPERADORA – Encerramos nesse momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao senhor Bernardo Rothe para as considerações finais. Por favor senhor Bernardo, queira prosseguir.

BERNARDO – Só gostaria de agradecer a todos pela participação na nossa teleconferência de resultados do 3T e ficamos à disposição com todo o time de RI do Banco do Brasil para qualquer outra pergunta ou esclarecimento adicional que vocês precisarem. Novamente, muito obrigado.

OPERADORA - A teleconferência do BB está encerrada, agradecemos a participação de todos e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no portal de Relações com investidores na Internet. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.